



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 - São Luís - Maranhão.

CAMPUS DE SÃO BERNARDO

CENTRO DAS LICENCIATURAS INTERDISCIPLINARES

CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS / LÍNGUA

PORTUGUESA

ISABELE DE SOUSA LIMA

**ESCRITA ACADÊMICA: A PARÁFRASE COMO INDÍCIO DE FILIAÇÃO TEÓRICA
DO PESQUISADOR**

São Bernardo

2022

ISABELE DE SOUSA LIMA

**ESCRITA ACADÊMICA: A PARÁFRASE COMO INDÍCIO DE FILIAÇÃO TEÓRICA
DO PESQUISADOR**

Monografia apresentada como requisito destinado ao componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do grau de graduada em Licenciatura em Linguagens e Códigos / Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão / Campus de São Bernardo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Katia Cilene Ferreira França

São Bernardo

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

de Sousa Lima, Isabele.

ESCRITA ACADÊMICA: A PARÁFRASE COMO INDÍCIO DE FILIAÇÃO
TEÓRICA DO PESQUISADOR / Isabele de Sousa Lima. - 2022.

50 p.

Orientador(a): Katia Cilene Ferreira França.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo - MA, 2022.

1. Discurso de outrem. 2. Escrita acadêmica. 3.
Filiação teórica. I. Ferreira França, Katia Cilene. II.
Título.

ISABELE DE SOUSA LIMA

**ESCRITA ACADÊMICA: A PARÁFRASE COMO INDÍCIO DE FILIAÇÃO TEÓRICA
DO PESQUISADOR**

Monografia aprovada em: 08 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Katia Cilene Ferreira França (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Campus de São Bernardo

Prof. Dr. José Antônio Vieira

Universidade Estadual do Maranhão – Centro de Estudos Superiores
de Lago da Pedra

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida da Silva Miranda – Secretária de Estado
da Educação do Rio Grande do Norte

Dedico este trabalho a toda minha família, em especial aos meus pais e aos meus irmãos, que com carinho, amor e dedicação sempre me apoiaram e caminharam ao meu lado durante esta fase da minha vida, que sempre foram incentivadores dos meus projetos e das minhas conquistas. Dedico este trabalho também às pessoas e amigos que direta ou indiretamente contribuíram, seja com palavras ou com ações, para que durante todo este percurso, eu viesse a trilhar um caminho de sucesso.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão estende-se primeiramente a Deus; obrigada por estar aqui. Agradeço pelo seu amor, pela sua misericórdia e nesta etapa da minha vida, especificamente, obrigada pela força que me foi dada para superar os momentos difíceis.

Agradeço a minha instituição formadora e aos seus profissionais, que com dedicação, esforço e muito trabalho ofereceram com eficácia o seu melhor para contribuir com minha formação acadêmica, particularmente, agradeço aos profissionais e companheiros do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos / Língua Portuguesa. Agradeço também ao Grupo de Estudos Escrita e Produção de Saberes – GEEPS, por ter me abraçado de forma tão acolhedora, um grupo que foi de suma importância na minha trajetória acadêmica e que me constituiu enquanto pesquisadora.

Agradeço também as professoras Maria Claudiane Silva e Maria Aparecida Miranda pelas suas valiosas contribuições em minha pesquisa, que trouxeram grandes discussões no GEEPS e orientações individuais que foram essenciais para a construção deste trabalho.

Meu agradecimento também vai ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e a Fundação de Amparo à Pesquisa no Maranhão (FAPEMA) pelo compromisso com a pesquisa no Maranhão, bem como o comprometimento com o auxílio financeiro para a realização desta pesquisa.

Agradeço, carinhosamente, a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Katia Cilene Ferreira França, por sua grande competência como profissional, pelas suas valiosas e incontestáveis horas dedicadas de orientação ao longo deste trabalho e de minha formação acadêmica, sempre desempenhando esta função com muita dedicação e otimismo, ajudando-me a superar os desafios. O meu muito obrigada por toda confiança ao longo desta caminhada, por sempre acreditar em mim e por todo carinho construído nesta relação que muitas vezes se estendeu para além da sala de aula.

Faço um agradecimento especial a dois grandes amigos, sendo o primeiro, Júnior Portugal, que sempre me ajudou com o uso de transporte quando precisava me deslocar à Universidade para realizar as minhas atividades acadêmicas. E agradeço também a Maria José Araújo, que inúmeras vezes pôde me oferecer o seu

lar quando eu precisei ficar na cidade de São Bernardo – MA para realizar essas atividades. O meu muito obrigada carinhosamente a esses dois amigos que também fizeram deste sonho possível.

Quero deixar registrado também meu profundo e sincero agradecimento a estas três mulheres que me acolheram com todo carinho em suas residências. Muito obrigada a pessoa de Íris de Maria Cunha, Elissandra Maria e a vó (de coração) Lúcia, que por algumas vezes me deixaram ficar em suas casas na cidade de Santa Quitéria e São Bernardo, uma vez que eu precisava ir a universidade e devido alguns obstáculos eu não tinha como deslocar-me de minha cidade Magalhães de Almeida para cumprir como minhas obrigações.

Quero agradecer também a minha turma, 2017.2, por várias experiências trocadas e por vários momentos de aprendizagem e parceria. Principalmente ao meu grupo de trabalhos, composto por Gabriele Alves, Hefraim Silva, Catarina Carvalho, Francisca Félix e Pamela Rayssa, que juntos a mim dividimos sonhos e conquistas. Sou imensamente grata a esse grupo, por tudo que vivemos ao longo dessa trajetória, por toda parceria, amizade, apoio uns aos outros, troca e afeto que transcendem os muros da faculdade, vocês foram essenciais em todo o percurso.

Enfim, meu último agradecimento, sendo esse o mais importante, o qual é direcionado para a minha família, esta que é o meu porto seguro. Aos meus pais e aos meus irmãos, meu muito obrigada; obrigada por todos os momentos que compartilhamos juntos, sejam eles felizes ou tristes, pelo apoio desvelado, pela paciência, pelas palavras e, principalmente, pelas atitudes encorajadoras que para mim foram dedicadas, por sempre juntos enfrentarmos e vencermos os obstáculos surgidos no caminho, sou imensamente grata por estarem comigo nesta trajetória tão importante para mim, e foi graças a vocês que eu consegui chegar até aqui.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a escrita acadêmica, a atividade dialógica que o pesquisador, enquanto sujeito social, realiza com o discurso de *outrem* na elaboração de seu plano de dizer, na construção de artigos que circulam em periódicos científicos, como atividade de pesquisa, como produção de conhecimento da universidade. Escrever uma pesquisa pressupõe convocar outras pesquisas, bem como colocar autores em diálogo. Esse diálogo pode ser observado e analisado a partir das formas da língua. Nesse sentido, delimitamos como objetivo deste trabalho olhar reflexivamente para a materialidade da escrita de artigos científicos, a fim de identificar as operações parafrásticas que o pesquisador realiza ao mobilizar a voz de *outrem* em sua escrita e compreendê-las como pistas que ajudam a entender a construção da filiação do sujeito, que escreve, a uma linha de pensamento teórico. Para esta análise tomamos como ponto de partida os estudos de Bakhtin/Volochinov (2003), segundo o qual cada dizer não pode ser visto como um texto isolado, produzido por uma espécie de *adão criador das palavras* e dos sentidos que carregam, mas como um enunciado compreendido como uma unidade de interação entre sujeitos, como portador de uma genealogia social; na perspectiva de Fuchs (1985) sobre a paráfrase como uma operação linguístico-discursiva para elaboração de novos enunciados; e França (2018) sobre a constituição da filiação teórica. Como objeto de análise, tomamos artigos coletados em periódicos científicos maranhenses. Como resultado os arranjos linguístico-discursivos mostraram a posição enunciativa do sujeito enquanto filiado a uma linha de pensamento teórico, mostrou que a reformulação parafrástica feita pelo pesquisador evidencia a compreensão e responsividade com a palavra do outro e que a filiação vai acontecer não só a partir de uma convocação de autores de um mesmo campo, mas marcada por alianças com outros campos.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; discurso de outrem; filiação teórica.

ABSTRACT

This work has as its study object the academic writing, the dialogical activity that the researcher, as a social subject, performs with the other's speech in the elaboration of its plan of saying, in the construction of papers that circulate in scientific journals, as a research activity, as university knowledge production. Writing a research involves calling for other researches, as well as putting authors in dialogue. This dialogue can be observed and analyzed from the language forms. In this sense, we define this work objective to look reflexively at the materiality of the writing of scientific papers, in order to identify the paraphrastic operations that the researcher performs when mobilizing the voice of others in his writing and to understand them as clues that help to understand the construction of the subject's affiliation, who writes, to a theoretical line of thought. For this analysis we take as a starting point the studies of Bakhtin / Volochinov (2003), according to which each saying cannot be seen as an isolated text, produced by a kind of *Adam creator of words* and the meanings they carry, but as a statement understood as a unit of interaction between subjects, as a carrier of a social genealogy; in Fuchs' (1985) perspective on paraphrase as a linguistic-discursive operation for the elaboration of new statements; Authier-Revuz (2004) on the heterogeneous forms of insertion of the other in the speech by the forms of allusion and França (2018) on the constitution of theoretical affiliation. As an object of analysis, we take papers collected in scientific journals in Maranhão. As a result, the linguistic-discursive arrangements showed the enunciative position of the subject as affiliated to a theoretical line of thought, showed that the paraphrastic reformulation made by the researcher shows the understanding and responsiveness to the other's words and that the affiliation will happen not only from of a summoning of authors from the same field, but marked by alliances with other fields.

Keywords: Academic writing; other's speech; theoretical affiliation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Operação interpretativa 1.	29
Quadro 2 – Operação interpretativa 2.	32
Quadro 3 – Operação interpretativa 3.	33
Quadro 4 – Operação interpretativa 4.	35
Quadro 5 – Operação interpretativa 5.	37
Quadro 6 – Operação interpretativa 6.	39
Quadro 7 – Operação interpretativa 7.	41
Quadro 8 – Operação interpretativa 8.	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. DIALOGISMO, DISCURSO OUTRO E A FILIAÇÃO TEÓRICA	14
2. A ESCRITA ACADÊMICA E A PARÁFRASE: ATIVIDADE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA	19
3. OS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS E A PROPAGAÇÃO DO CONHECIMENTO ...	23
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
4.1 Composição e critérios para a seleção do <i>corpus</i>	27
5. PARÁFRASE: OS MOVIMENTOS DE REFORMULAÇÃO DO DIZER DO OUTRO EM ARTIGOS CIENTÍFICOS	28
5.1 A ligação a autores que discutem o letramento	29
5.2 O diálogo delimitado com Maingueneau	31
5.3 As fronteiras entre a paráfrase e a alusão	37
5.4 O discurso direto camuflado de paráfrase	39
5.5 A paráfrase e o desembaraço do pesquisador	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma escrita que fez parte de um projeto de pesquisa *Filiação teórica e produção científica: análise dos periódicos maranhenses*, desenvolvido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisas no Maranhão (FAPEMA); de uma pesquisadora ligada ao Grupo de Estudos Escrita e Produção de Saberes – (GEEPS), no qual esta investigação se realizou e foi aprofundada no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que aqui se faz presente.

Este trabalho de conclusão de Curso nasceu a partir do interesse em estudar as formas de discurso citado na escrita acadêmica, especificamente, em fazer um estudo sobre a paráfrase, colocar em suspenso essa operação linguístico-discursiva realizada pelo pesquisador na construção do próprio dizer. Inquieta-nos entender os sentidos que essas operações imprimem ao texto científico, particularmente, quando se observa trabalhos que exploram conceitos desenvolvidos por autores situados teoricamente na Análise de Discursos.

Buscamos, nesta investigação, responder o seguinte questionamento: como o pesquisador mobiliza, a partir da paráfrase, vozes e deixa à mostra sua filiação a uma linha de pensamento teórico? Esta pergunta é embasada na concepção de que todo discurso dialoga com outros discursos, e ao ser proferido, ele carrega na materialidade da língua marcas da presença do outro. Nosso objetivo geral é olhar reflexivamente para artigos científicos a fim de analisar as operações parafrásticas que o pesquisador realiza ao mobilizar a voz de *outrem* em sua escrita e compreendê-las como pistas que ajudam a entender a construção da filiação teórica. Os objetivos específicos são: 1) analisar artigos que tratam sobre a relação entre língua e ensino em revistas maranhenses; 2) verificar nos artigos quais são os autores citados a partir da paráfrase considerando a relação linguístico discursiva que as constitui; 3) identificar os efeitos de sentido das operações linguísticas-discursivas o que se refere à mobilização de conceitos que indiciam a filiação teórica do pesquisador na escrita acadêmica.

Compreendemos a escrita acadêmica como uma escrita que exige daquele que escreve, o diálogo com vozes reconhecidas cientificamente. Esse diálogo, marcado pela indicação do nome próprio de autores, nos permite pensar sobre a

importância do papel do outro que é citado como forma de legitimação. Trata-se a citação, como forma de reconhecimento de estudos antecedentes, demonstra os modos de interação entre o dizer do outro e o próprio dizer, entre a palavra alheia e a minha palavra. Esse diálogo não é mecânico, como diz Bakhtin ele envolve a compreensão ativa, responsiva e responsável de quem cita, envolve a relação com as regras da cultura acadêmica na construção de um texto.

O diálogo com outras vozes, na escrita acadêmica, requer o atravessamento de enunciados já ditos, o pesquisador os marca em sua escrita através dos esquemas linguísticos-discursivos, são eles (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre), esquemas que mostram como o pesquisador recupera vozes que contribuem para o ponto de vista que ele busca deixar à mostra. Esse esquema de discurso citado tem uma estrutura a ser obedecida, seguida por aqueles que estão imersos dentro dessa esfera de comunicação.

Nesse sentido, ao construir um novo dizer, a paráfrase é identificada como um desses esquemas linguísticos-discursivos. A paráfrase é um indício da atividade dialógica do pesquisador com autores que fundamentam a discussão levantada. Dito isso, o pesquisador faz jogos parafrásticos para se colocar como filiado a uma linha de pensamento teórico. O sentido de filiação é problematizado na concepção de França (2018), que a partir de teses de doutorado mostra como os autores citados na escrita acadêmica ocupam diferentes posições e funções.

Esse movimento nos faz refletir sobre a importância de investigar tais estudos a fim de compreender melhor o sentido de produção de conhecimento científico que se materializa e socializa a partir dos periódicos científicos. Os periódicos não são apenas suporte de divulgação da produção científica, mas produções escritas que ajudam entender a concepção de ciência e de filiação teórica.

Ao considerarmos que as revistas científicas desempenham um papel fundamental na circulação de informações científicas, possibilitando fácil acesso a propagação de conhecimentos de diferentes áreas e contribuindo para a circulação de novas descobertas, foi que nos questionamos: que operações linguístico-discursivas o pesquisador realiza para validar essa filiação?

Essa pergunta nos apontou uma série de operações, mas uma tornou-se nosso objeto de observação, como já mencionado no corpo deste trabalho: a paráfrase. Nesse sentido, olhar para esses artigos, fazer uma parada reflexiva direcionada ao discurso citado, ao modo como o pesquisador compreende e

mobiliza a palavra alheia a partir da paráfrase, enquanto atividade do discurso, no e sobre o discurso; da enunciação, na e sobre a enunciação (BAKHTIN, 2006).

Para fundamentar nossa discussão, propomos uma reflexão, com base em Bakhtin/Volochinov (2003), sobre o dialogismo e discurso outro; Fuchs (1985) sobre a concepção dos tipos de paráfrase e França (2018) sobre filiação teórica na escrita acadêmica. Bem como, contribuições dos estudos de Miranda(2019) apud Authier-Revuz (2004) sobre os estudos de alusão.

Quanto ao aspecto estrutural, a monografia está organizada em cinco capítulos. No primeiro capítulo discutiremos sobre a escrita acadêmica como uma atividade dialógica, uma escrita que se constitui como uma unidade de interação que se constrói em diálogo com outras vozes, com discursos outros que antecede a voz daquele que escreve. No segundo capítulo discutiremos sobre as formas linguísticas-discursivas que estabelecem a interação com discursos outros, que mostram a atividade dialógica, a relação do pesquisador com o texto referenciado. Nesse sentido, as formas linguísticas-discursivas presentes na escrita acadêmica podem ser tomadas como indícios de como o pesquisador mobiliza conceitos e vai delineando sua ligação a uma linha de pensamento teórico.

No terceiro capítulo, discutiremos sobre os periódicos, sendo esse, um espaço de grande importância para a divulgação do conhecimento. No quarto capítulo apresentaremos o percurso metodológico que encaminhou a escolha do *corpus* de análise. No quinto capítulo faremos uma análise dos fragmentos selecionados e recortados dos artigos que foram utilizados como objeto de estudo. E ao término da discussão, apresentarei as minhas considerações finais diante das operações levantadas e analisadas.

1. DIALOGISMO, DISCURSO OUTRO E A FILIAÇÃO TEÓRICA

Tomando por base a concepção bakhtiniana da linguagem defendemos que a produção de enunciados é uma atividade dialógica constitutivamente atravessada por discursos outros, por já ditos. Os enunciados estão repletos de traços e expressões advindas de esferas sociais diferentes. Desta forma, falar, escrever, é estabelecer diálogo com outras enunciações, discursos, ou melhor, vozes alheias. Bakhtin (2003) destaca o peso ideológico no processo de produção de sentido, para

ele, a aprendizagem da língua e a produção de enunciado acontece nas atividades de interação das quais o sujeito participa, assim, aprende os sentidos que circulam.

O autor destaca que os enunciados estão atravessados por outras vozes e é uma unidade discursiva concreta. Cada enunciado elaborado pelo sujeito está carregado de sentidos de discurso de *outrem*. Para Bakhtin (2003, p.319) “Um locutor não é Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear”, logo, o sujeito não se manifesta isoladamente, ele não é visto como um criador da palavra totalmente original, mas como um sujeito que está constitutivamente atravessado pelo outro na elaboração do dizer.

Para Bakhtin (2006), a retomada de sentidos dados não significa dizer que os sentidos são exatos. Para ele, há um jogo entre o dado, ou seja, os sentidos que já estão postos; e os novos sentidos, que vão sendo criados a partir do sentido dado e para isso torna-se necessário à compreensão responsiva do sujeito. Os sentidos criados têm a ver com o que o sujeito faz com os sentidos que já estão circulando e como ele vai construir novos sentidos. Essa retomada envolve a construção de um enunciado elaborado como atividade de interação contextualizado. A relação entre o dado e o criado diz respeito à própria concepção de filiação no sentido de que já se tem algo posto, que circula em uma esfera de comunicação e pertence a uma linha teórica e que, na tentativa de fazer parte dessa família teórica, o sujeito deve trazer uma novidade, algo que acrescente a teoria.

Na concepção bakhtiniana, os enunciados são compreendidos como acontecimentos únicos realizados pelo sujeito em um determinado tempo e espaço. Não há como dizer do mesmo modo aquilo que já foi dito, uma vez que a enunciação não será a mesma, as condições de produção são outras e a cada repetição uma nova ideia enunciativa se origina e modifica o já dito, possibilitando ao sujeito uma nova interpretação do discurso outro, uma nova interpretação do enunciado alheio. Bakhtin (2003, p.314) argumenta que:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos (BAKHTIN, 2003, p.314).

Bakhtin nos esclarece esta noção de *outro*, que deve ser entendida não como um objeto exterior de que se fala, mas como uma condição do discurso. Em enunciados escritos, como em artigos científicos, a citação marca o lugar do discurso de *outrem* em relação ao dizer do pesquisador, indicia o diálogo de concordância ou discordância, continuidade ou ruptura entre o pesquisador e os outros que o antecedem, ao mesmo tempo que se dirige a alguém, ou seja, enunciar é colocar em cena vários outros para a construção de um novo dizer.

Bakhtin chama atenção para a importância de estudar as formas de discurso citado, as quais podem ser observadas a partir da materialidade dos enunciados, dos esquemas sintáticos que deixam à mostra o discurso outro, a reação da palavra à palavra. Fiorin (2018), com base nessa concepção bakhtiniana, diz que as formas sintáticas de discurso citado, identificadas a partir de recursos como aspas ou a identificação nominal do autor, são modos de pôr à mostra o dialogismo no funcionamento da comunicação verbal. Nas palavras do autor:

Há duas formas de inserir o discurso do outro no enunciado: a) uma, em que o discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante é o que Bakhtin chama de discurso objetivado; b) outra, em que o discurso é bivocal, internamente dialogizado, em que não há separação muito nítida entre o enunciado citante e o citado (FIORIN, 2018, p.37).

A primeira discute sobre os esquemas de discurso citado (discurso direto e discurso indireto) como uma reação da palavra à palavra. Mobiliza o uso de aspas como forma de isolar as palavras daquele que cita com as palavras daquele que é citado. Já a segunda forma de apresentação da voz do outro, a bivocal, é marcada pela paródia, estilização, polêmica clara e velada e pelo discurso indireto livre. Essas formas de representações do discurso outro possuem a presença de mais de uma voz dentro do enunciado. Trata-se de uma espécie de ausência de bordas entre a palavra do outro e a palavra do eu, o locutor expõe sua interpretação sobre o discurso outrem.

Na segunda forma de apresentação percebemos a mistura de vozes, porém não conseguimos identificar abertamente essas fronteiras. É o que acontece na construção da paráfrase, na atividade de dizer o que o outro disse, em tornar a palavra-alheia-minha e revelar familiaridade com a voz citada, especialmente

quando se trata da produção de enunciados que circulam como escrita acadêmica, como escrita de uma pesquisa.

O discurso citado não é só um recurso linguístico ou uma norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) sobre como registrar a palavra do outro, mas uma operação discursiva da palavra do outro, sendo um fator imprescindível dentro do texto científico. Colocar um discurso dentro de um texto científico significa que a discussão que está sendo posta em cena não se sustenta só na minha palavra, ou seja, existe alguém que discutiu aquilo que o pesquisador está discutindo, vozes que vão sendo recuperadas para dentro da discussão como fundamentação.

A citação, enquanto esquema de discurso outro, como diz Volochinov (2017, p. 250), deixa ver a reação ativa de um enunciado com o outro, a partir das formas da língua, “o discurso alheio é concebido pelo falante como um enunciado de outro sujeito, em princípio totalmente autônomo, finalizado do ponto de vista da construção e fora do contexto em questão”. É, a partir dessa condição de independência, que o discurso outro é recortado de um enunciado e transferido para o dizer do locutor, do pesquisador que elabora sua escrita com um enunciado autoral, um dizer que incorpora e mostra a palavra alheia a partir de esquemas de citação.

O enunciado alheio no enunciado autoral pode ser visto, segundo França (2018), como uma pista para entendermos como se dá a constituição da filiação teórica na escrita de uma pesquisa. A filiação é um processo possível de ser observado e compreendido a partir de uma série de operações linguístico-discursivas, realizadas pelo o sujeito ao escrever. Os discursos outros convocados para o texto, permitem dizer que a filiação teórica envolve uma organização com os quais o pesquisador escolheu dialogar e, ao escrever, o pesquisador insere-se em um sistemas de parentesco teórico que vai denunciar o discurso outro que ele pertence. Pensar a filiação na produção acadêmica é um fator indispensável, uma vez que, escolher uma linha de pesquisa para seguir e que sustente a ideia que o sujeito quer defender e dá continuidade, faz parte desse processo de escrita.

O sentido de filiação teórica parte dos estudos de França (2018), diz que os discurso citados na escrita científica ocupam posição e funções diferenciadas, tal como acontece na estrutura de parentesco na qual cada membro da família (pai, mãe, filho) ocupa um lugar e funções diferentes. A citação do discurso outro, nessa

perspectiva, é tratada como pista para observação da relação entre as vozes convocadas e papel que desempenham na pesquisa. Segundo a autora, a filiação teórica deve ser vista como:

Uma atividade cultural e não como uma ação individual e independente realizada pelo pesquisador, pois, se há família, há regras de organização, há direitos e deveres entre os membros, há traços comuns que lhes permitem duplamente se reconhecerem como parentes e ao mesmo tempo serem identificados por quem os observa de fora. (FRANÇA, 2018, p.24)

A filiação, que não se resume ao anúncio de autores, diz respeito ao gerenciamento da palavra alheia, das diferentes vozes às quais o pesquisador busca aproximar-se ou distanciar-se. Essa escolha do pesquisador não é um movimento impensado, mas um jogo que mostra em qual linha teórica ele pretende se firmar, esta escolha de linha de pesquisa implica nos riscos que o pesquisador estabelece ao mobilizar a voz alheia e não adulterar o sentido exato.

No espaço da escrita acadêmica, as vozes que o pesquisador convoca para elaborar seus enunciados, colocam em vista a teoria que ele se filia, uma filiação que vai se estabelecer na escrita a partir de jogos feitos pelo pesquisador com o discurso citado, discursos outros que passam a ser incorporados e atualizados na discussão levantada e discussões futuras. A forma com que convoca os teóricos através de jogos mostra a importância, o lugar e a função que cada autor recebe no gerenciamento das vozes na escrita da pesquisa. Esse gerenciamento demonstra respostas sobre a filiação teórica do pesquisador.

Sendo assim, a exposição do lugar de onde o pesquisador enuncia ganha o sentido de pertencimento aquela família teórica. Os laços que estabelecem a filiação teórica, é uma construção própria do pesquisador em consonância a cultura acadêmica. Marcar a filiação teórica não é uma atividade aleatória, mas um movimento que é constitutivo no próprio diálogo do pesquisador com as vozes levantadas em sua pesquisa. A filiação teórica se mostra por formas sutis que envolvem a maneira de dizer, as palavras selecionadas e o valor atribuídos a elas.

Desta forma, olhar para o enunciado a fim de entender a filiação a partir das formas da língua demanda uma série de relações e todas passam por um ponto comum: a relação dialógica com o outro.

Diante do exposto, pretendemos observar o discurso citado, especificamente, os jogos parafrásticos feito pelo pesquisador, na intenção de entender o que eles dizem sobre a filiação teórica, uma vez que, na escrita acadêmica, o pesquisador precisa deixar marcada a linha teórica que ele desejou seguir para construir sua discussão.

Olharemos a paráfrase como indícios a partir dos quais é possível reconstruir fatos, explorar o modo como o pesquisador traz o discurso outro na própria escrita, pelas próprias palavras. Nesse processo de tradução da palavra alheia, não há espaço para passividade, pois o ato de ouvir, ler, falar, escrever e compreender é sempre uma resposta ativa do sujeito. Assim como a paráfrase, temos também a alusão, como estratégias do pesquisador se aventurar na escrita a partir de sua compreensão ativa e marcar sua filiação a partir de já ditos com os quais o sujeito interagiu.

Vale ressaltar que o pesquisador se colocar como filiado a determinado teórico, não significa que o pesquisador esteja em uma filiação cega, que não possa dar os próprios passos e manifestar sua autoria nas discussões, mas que ele carrega sim, o nome do pai, porém, busca também seu reconhecimento.

2. A ESCRITA ACADÊMICA E A PARÁFRASE: ATIVIDADE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA

A paráfrase é uma operação linguístico-discursiva que compartilha todo processo de leitura, compreensão e reprodução textual com base em um texto fonte, a fim de expressar novas ideias. Na visão de Fuchs (1985), a paráfrase consiste em uma atividade de reformulação e construção de um novo texto apoiado em um texto-fonte, ou seja, ao parafrasear, o sujeito busca repetir por meio de outras palavras o que o outro já disse, ou então, explicar melhor o sentido original existente. Portanto, a paráfrase não deve ser vista apenas como uma modificação do texto original, mas como um novo texto com o ponto de vista do pesquisador, uma espécie de filtro feito pelo sujeito. Ao parafrasear, ele assume uma responsabilidade maior com a palavra do outro, uma vez que ele se coloca no lugar daquele que é capaz de ler, entender e dizer com as próprias palavras sem perder o sentido original do texto fonte.

Para Fuchs (1985, p.134), “o trabalho de interpretação é variável segundo os sujeitos e as situações: cada um percebe e, conseqüentemente, restaura o texto de

forma diferente”, sendo assim, a paráfrase se mostra não somente pela sua estrutura sintática, mas pela atividade interpretativa, um jogo de negociação que envolve a palavra alheia e os sentidos que ela carrega.

Fuchs (1985) apresenta a paráfrase como atividade complexa, e explora o sentido dessa operação a partir de três perspectivas: a) a lógica da equivalência formal, b) a gramatical da sinonímia e c) a retórica da reformulação. Na perspectiva lógica, a paráfrase está ligada a equivalência, ou seja, quando dois enunciados possuem o mesmo “valor verdade”, serem correspondentes um ao outro, compartilharem de um mesmo significado, seja ele verdadeiro ou falso. Logo, se caso não houver uma correspondência de significação, a noção de paráfrase fica afetada.

A referida autora evidencia que não é simples empregar a noção de “valor verdade”, pois, embora as palavras tenham um sentido próximo, ao fazer esta aproximação dos sentidos dos enunciados, existem situações que o sentido muda, desse modo, essa noção se aplica com dificuldades aos enunciados da língua, uma vez que a paráfrase envolve pontos de vistas diferentes e isso ocorre devido a atividade interpretativa acontecer em condições e experiências diferentes daquele que interpreta, ou seja, os sujeitos percebem e compreendem o texto de modos diferentes.

A parafraseagem exige uma responsabilidade com o enunciado outro, com a escolha da melhor palavra e dos sentidos que carregam para dizer o que já foi dito, em tonar os enunciados equivalentes um ao outro. Também podemos observar o conceito de equivalência quando há uma alternância sintática da parafraseagem na voz *ativa x passiva* no plano do discurso.

A segunda perspectiva de paráfrase, denominada gramatical da sinonímia, vê a paráfrase como sinonímia de frases. Neste viés gramatical, a sinonímia deve possuir relação de sentido correspondente entre a substituição de um termo lexical para outro, pois é necessário que ao fazer o jogo de troca de uma palavra para outra, não se altere o valor semântico do termo original. No jogo da sinonímia, os sinônimos não restauram completamente o sentido referenciado. Na busca de substituir um termo por outro que corresponda ao mesmo campo semântico, pode acontecer de uma palavra não restaurar bem o sentido original, a palavra substituída não se aplicar de forma correta naquele contexto, uma vez que uma palavra pode apresentar diferentes sentidos dependendo do contexto na qual está inserida.

Portanto, a escolha de um sinônimo não deve ser um movimento impensado, feito de qualquer jeito, mas um movimento que deve ser bem pensado e analisado, de escolha da melhor palavra que abarque o sentido referenciado, que melhor faça a aproximação do que se deseja.

A terceira perspectiva, classificada como retórica da reformulação, trata-se de “atividade efetiva de reformulação pela qual o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-secundo” (FUCHS, 1985, p.133). Aqui, o pesquisador emprega um jogo maior de alterações de palavras, retirando até mesmo termos essenciais que possuem um enorme valor semântico para aquele discurso original e dá um novo pensamento ao seu texto, diferente da ideia do discurso fonte. É como se ele se desprendesse do significado real e colocasse um novo significado. A paráfrase por reformulação permite que o pesquisador se aventure mais e assuma uma posição a partir do que leu e compreendeu. Esta paráfrase exige um comprometimento maior do sujeito no que se refere a restauração do texto original.

O ponto de vista de Fuchs, nos ajuda a observar o modo como as vozes são recuperadas na escrita acadêmica, demonstra em certa medida, uma apropriação por parte do pesquisador, das regras da cultura acadêmica e das regras específicas da linha de pesquisa na qual ele se filia.

Sobre a especificidade de olhar para a paráfrase na escrita acadêmica, buscamos a pesquisa de Miranda (2019) que trata a paráfrase como um jogo que revela a posição enunciativa dos sujeitos com a teoria. A autora nos ajudou a compreender o processo de escrita acadêmica e como as vozes presentes nesses inscritos são articuladas e como se misturam na escrita. Os estudos de Miranda (2019) sobre paráfrase e alusão nos fez entender que toda pesquisa se constitui em meio já ditos, e que os arranjos linguísticos de paráfrase e alusão têm muito a nos dizer sobre a produção de conhecimento daquele que escreve. Ela nos fez entender que o enunciado não se estabelece apenas por meio de citações diretas ou indiretas, mas pelo modo como o sujeito pesquisador articula e engedra as vozes e, dialoga com elas, seja pela paráfrase, seja pela a alusão, ambas vão possuir um efeito de sentido diante dessa mobilização .

Para Miranda (2019), o uso de paráfrase em um texto científico pode indicar um processo de maturidade com aquilo que se decidiu discutir. A paráfrase é um modo de colocar à mostra a relação dialógica marcada, uma espécie de cruzamento

entre o discurso outro e o próprio dizer do pesquisador, sua compreensão responsiva realiza a paráfrase para se colocar como filiado teoricamente. É pisar em terreno movediço, isso porque o discurso outro, que será parafraseado, carrega sentidos cientificamente legitimados, representam concepções teóricas que não podem ser adulteradas, especialmente por aqueles que constroem a paráfrase como uma estratégia para marcar a filiação teórica.

A paráfrase, então, é uma atividade marcada pela tensão e pela vigilância, que pode ser observada quando se trata de analisar artigos em periódicos científicos.

Entre as formas heterogêneas de inserção do outro no discurso, cabe agora abriremos parêntese nessa discussão para a alusão, ou seja, a presença do outro no discurso do pesquisador pelas formas de alusão, especificamente a de Authier-Revuz (2004). A autora problematiza a heterogeneidade a partir da noção de heterogeneidade enunciativa, apresentada em duas perspectivas: a primeira é a mostrada e a segunda é a constitutiva. Na primeira perspectiva de heterogeneidade, à mostrada, o outro pode estar presente no enunciado do pesquisador de forma marcada ou não marcada na materialidade do texto, ou seja, quando marcada, vemos formas explícitas da menção ao outro, por exemplo, as formas sintáticas de (discurso direto e discurso indireto). Já a forma não marcada da heterogeneidade, é quando o outro está presente no enunciado do pesquisador sem uma sinalização objetiva referente ao nome próprio a qual o pesquisador se fundamenta, ou seja, não é marcado explicitamente o outro no discurso. O pesquisador faz uma discussão que retoma a voz alheia, mas essa voz não é citada no corpo do texto.

Consideramos, assim, a alusão um exemplo da noção de heterogeneidade mostrada, não marcada, que Authier-Revuz (2004) aponta, ou seja, quando o sujeito retoma a voz alheia sem uma sinalização objetiva dessa voz no discurso dele. O sujeito não diz claramente a quem está se referindo, ele não marca na materialidade esse nome legitimado.

Desse modo, compreendemos que há sim o diálogo com outros discursos, outros discursos são retomados para a sua escrita, mas não está explícito esta menção ao outro. Porém, quando ele faz esta estratégia alusiva no seu enunciado, é possível perceber indícios do outro presente, se considerarmos a linha de pesquisa que ele discute.

Sendo assim, o sujeito deixa pistas, faz insinuações de conceitos que pertencem a uma linha de pensamento teórica. Portanto, a alusão é também uma estratégia do pesquisador em dizer o que outro disse, de estabelecer um diálogo com autores, de se aventurar com a palavra outro.

Entretanto, para entender esta estratégia textual de ressignificação de um enunciado a partir de jogos alusivos, Miranda (2019, p.127) diz “entendemos a alusão como uma situação de heterogeneidade mostrada sem ruptura sintática, mas que apresenta outros indícios (como as marcas tipográficas e a ilha textual)”, isto é, para a autora, a retomada não explícita do outro, pode deixar ver trechos de um texto fonte específico, sendo possível identificar o dizer ao qual se faz referência.

Portanto, na escrita acadêmica, ao construir um enunciado, o pesquisador deve retomar outros enunciados para fundamentar sua ideia, citar e marcar o outro como fonte de enunciado daquele que cita e a paráfrase é um indício constante em textos científicos desse movimento, como estratégia de ressignificar o discurso outro. Entretanto, a alusão é também uma estratégia textual feita pelo pesquisador, a qual busca uma propriedade enunciativa maior do pesquisador com a voz alheia.

3. OS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS E A PROPAGAÇÃO DO CONHECIMENTO

Nos voltamos para analisar artigos científicos por se tratar de uma escrita que relata resultados de uma pesquisa. O artigo científico é um espaço do sujeito, enquanto pesquisador, dialogar com conceitos e vozes academicamente reconhecidas e, a partir dele, o pesquisador levantará um problema de pesquisa para que se possa desenvolver seu trabalho.

Ter o artigo publicado em um periódico significa dizer que a pesquisa foi avaliada e aprovada. Desse modo, buscamos compreendê-lo como um texto que circula nas revistas, e para tal, segue determinadas regras do processo de construção do conhecimento.

As revistas científicas desempenham um papel fundamental na circulação de informações científicas seja no formato impresso ou digital, e promovem normas de qualidade. Para Mueller (2006, p.27), os periódicos científicos são “[...] canais preferenciais para a certificação do conhecimento científico e para a comunicação autorizada da ciência”, ou seja, em uma área específica como a da ciência, os

periódicos são os principais meios de comunicação científica, é considerado o suporte mais atualizado para compartilhar o conhecimento científico produzido pelo pesquisador com outros pesquisadores de diferentes áreas. Logo, novos saberes e novas descobertas vão surgindo, havendo assim uma contínua atualização do conhecimento produzido.

Nesse sentido, Mueller (1995, p. 64) diz que é “Através da publicação, o saber científico se torna público, parte do corpo universal do conhecimento denominado ciência”, isso significa dizer que passamos a ter contato com outras pesquisas, com outros conhecimentos já registrados e que a partir disso, podemos dá continuidade à pesquisas já existentes, de modo que o conhecimento científico esteja sempre se renovando.

Vale ressaltar que os periódicos científicos, tanto no formato impresso quanto no formato eletrônico, precisam estar atentos a determinados critérios para a sua efetiva existência e publicação, e esses critérios está tanto na forma de citar, de dialogar com a voz do outro, quanto na posição do pesquisador enquanto filiado a uma linha de pesquisa. Os periódicos científicos podem estar classificados em números (ou fascículos), possui regularidade quanto sua edição, ele pode ocorrer de forma semanal, mensal, ou anual. Os números dos periódicos normalmente estão organizados em volumes, e cada volume possui uma identificação, e em cada número desses, os periódicos publicam artigos que retratem resultados de pesquisas, relatos de experiências e etc.

Em linhas gerais, entendemos a importância dos periódicos científicos para o desenvolvimento da ciência, para a propagação de pesquisas que acontecem tanto dentro das universidades, quanto fora delas. Entendemos a importância desse espaço para a divulgação de trabalhos que precisaram ser lidos e reconhecidos, trabalhos que são frutos de muita investigação e dedicação. Portanto, os periódicos científicos colaboram significativamente para o fazer científico.

Desse modo, compreendemos a relevância que tem a escrita científica e os meios de divulgação científico, dessa forma, devemos estar atentos a esta materialidade enunciativa que nos possibilita fazer inúmeros levantamentos de pesquisas. Dito isso, o tópico a seguir discorrerá sobre a constituição do *corpus* da pesquisa, o qual consiste em escritos científicos que circulam nas revistas científicas maranhenses.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste item, nosso objetivo é traçar de forma mais compreensível o percurso metodológico que encaminhará a análise desta pesquisa, uma análise que se configura em verificar os movimentos parafrásticos que indiciam a filiação teórica do pesquisador a uma linha de pensamento teórica. Olharemos para as formas da língua como um lugar que merece nossa atenção e investigação.

Neste trabalho olhamos para as formas linguísticas levando em consideração a relação entre língua e discurso e, por meio das operações realizadas, pretendemos ver como o pesquisador dialoga com as vozes e como mobiliza-as para dentro de sua escrita, quais jogos ele faz para preservá-las e assim, construir o seu enunciado. Portanto, trata-se de uma investigação que acontece dentro da esfera acadêmica, uma investigação que gira em torno da escrita acadêmica e são essas escritas que circulam como ciência que nos interessam estudar.

Considerando a discussão que vem sendo levantada neste trabalho, compreendemos, mais precisamente, a escrita acadêmica, como um resultado da produção de conhecimento da universidade, é a maneira que o pesquisador encontra de apresentar a um público alvo as leituras teóricas feitas na academia. A leitura de teorias é uma prática discursiva assíduo no processo de formação acadêmica, pois é através delas que o pesquisador responde discursivamente a sua compreensão ao texto lido, à medida que ele apresenta posicionamentos para com os textos. Sendo assim, o pesquisador faz interpretações aos discursos outros e se apropriam desses discursos como forma de materializar suas leituras.

A escrita acadêmica presume, que aquele que produz textos, tenha conhecimento de várias leituras, conheça as vozes que são convocadas para sustentar o ponto de vista teórico de sua discussão, saiba interpretar os pontos de vista que sustentam o discurso, para que assim, possa construir a sua escrita. Desta forma, escrever, na universidade, é a forma de apoderar-se de leituras e discursos outros, é materializar as vozes científicas de leituras que representam o ponto de vista que o pesquisador busca deixar à mostra, visto que os fios que tecem a escrita acadêmica, bem como qualquer atividade da linguagem, são produzidos perante os discursos outros e precisam estar com uma filiação marcada.

Com isso, podemos dizer que escrever na universidade requer a mobilização de vozes e, estas vozes teóricas, ocupam um lugar de forma marcada nessa escrita,

no enunciado daquele que escreve a pesquisa, sendo ela uma forma de legitimar o discurso do pesquisador e dar cientificidade ao seu escrito. O fazer científico não pode unicamente se construir somente de palavras de teorias, ou seja, de citações diretas do discurso alheio, mas é necessário, sobretudo, a voz do pesquisador presente na escrita, é preciso que haja uma resposta às palavras mobilizadas, ou seja, um movimento dialógico entre a voz do pesquisador e as vozes teóricas trazidas para a sua escrita.

Nesse contexto, compreendemos que a escrita acadêmica precisa estar atenta as exigências próprias do discurso científico, sendo este um espaço de produção de conhecimento que precisa obedecer normas e condições de funcionamento, mesmo que seja uma produção científica, ela caracteriza-se como uma atividade social que obedece às regras, aos mecanismos de funcionamento próprios a esse espaço específico e que validam o discurso científico.

Sendo assim, ao escrever, o autor implica-se e participa da construção do seu texto, ou seja, ele estabelece o seu eu na construção da produção e, dessa forma, marca através da alteridade sua autoria, a sua particularidade no texto escrito. Desta forma, a escrita acadêmica é uma representação de quem escreve, uma vez que o sujeito pesquisador é refletido nela.

Dito isso, o nosso ponto de partida para guiar nossa investigação parte do método indiciário de Ginzburg (1989), que nos convida a fazer uma escuta atenta para o que se parece irrelevante, uma análise das pistas para decifrar o que se parece mistério. Dialogamos com a ideia proposta por Ginzburg (1989) por considerarmos relevante compreendermos os indícios que permitem ao pesquisador enxergar de forma mais ampliada os detalhes, as pistas que são deixadas na materialidade textual e que podem ser investigadas nos dados de uma pesquisa. O método indiciário do referido autor nos faz ver que as pistas são caminhos pelo qual o pesquisador segue e constrói a sua interpretação diante dos dados da análise científica.

Assim, através de uma leitura atenta e minuciosa do enunciado escrito, que o pesquisador consegue perceber essas pistas, ou seja, os vestígios revelados presentes nas entrelinhas do objeto de pesquisa e que tendem a ser importantes para a construção enunciativa de uma pesquisa. Compreender as pistas mostra o olhar minucioso e investigativo daquele que escreve a pesquisa para com o seu objeto de estudo. Ginzburg (1989) considera esse olhar, um olhar cauteloso para as

práticas da linguagem, de modo que, os indícios que podem ser encontrados, revelam, sobretudo, os efeitos de sentidos que são atribuídos a um discurso. Desta forma, entendemos a importância de levar em consideração os elementos que trazem essas pistas e que perpassam os dados de um objeto investigativo.

Transpondo essa proposta indiciária para uma análise enunciativa da escrita acadêmica, as operações linguístico-discursivas são as pistas observáveis que nos interessa escutar, seguir e voltar o nosso olhar reflexivo, tendo como finalidade desvelar o que mostram as operações linguístico-discursivas, em especial, a paráfrase linguística, na escrita científica. Levando em consideração a proposta indiciária, significa dizer que trataremos a paráfrase como indícios a partir dos quais é possível reconstruir fatos e decifrar a constituição de filiação teórica na escrita de artigos de periódicos científicos.

4.1 Composição e critérios para a seleção do *corpus*

O ponto de partida para a seleção do *corpus* desta pesquisa levou em conta a proposta de trabalhar com artigos científicos de periódicos maranhenses da área de Letras, sendo assim, nos concentramos em edições da revista “Littera”, para observar trabalhos que exploram conceitos desenvolvidos por autores situados teoricamente na Análise de Discursos.

Catalogamos os números dessa revista no período de 2019 a 2021, verificamos que há uma regularidade quanto aos autores convocados para discutir questões sobre língua e ensino, ou seja, quanto às vozes mobilizadas para mostrar a filiação teórica. No entanto, dois artigos nos chamaram atenção por mobilizarem vozes que representam a filiação à Análise do Discurso: um discute questões sobre o letramento escolar a partir de Dominique Maingueneau, em diálogo com vozes de autores que fundamentam trabalhos voltados para a educação, abordando o conceito de letramento; o outro traz como fundamentação Maingueneau e Charaudeau em um texto que não discute especificamente sobre o ensino, os referidos autores vêm para discutir um conceito que pode ser aplicado em diferentes áreas.

Maingueneau é um autor que trabalha na Análise do Discurso, portanto ele pode ser mobilizado em diferentes áreas, de modo que no primeiro *corpus*

ele é mobilizado dentro da educação, e neste segundo *corpus* temos a presença dele em outra área, discutindo sentidos estabelecidos e que se aplicam em outros contextos além do ensino, como é o caso do segundo *corpus* que se volta para uma discussão em textos publicitários.

Nesta pesquisa buscamos analisar a constituição da filiação a partir de operações parafrásticas da voz de Maingueneau, tomando como objeto de análise dois artigos: o primeiro intitulado “*O letramento escolar é uma prática discursiva?*”; o segundo intitulado “*Ambigüidade discursiva do texto publicitário*”.

Para facilitar a leitura, nomeamos o primeiro artigo de AT1 e o pesquisador em questão de P1 (Pesquisador 1). E nomeamos o segundo artigo de AT2 e o pesquisador em questão de P2 (pesquisador 2).

Os excertos selecionados de AT1 fazem referência aos seguintes textos fontes: Street (2006), Maingueneau (1997) e Maingueneau (2008). E os excertos selecionados de AT2 fazem referência aos seguintes textos fontes: Maingueneau e Charaudeau (2004) e Orlandi (1998). Portanto, sempre que retomarmos o *corpus* analisados, os pesquisadores em questão e os textos fontes, serão vistos por essas nomeações.

5. PARÁFRASE: OS MOVIMENTOS DE REFORMULAÇÃO DO DIZER DO OUTRO EM ARTIGOS CIENTÍFICOS

Neste item pretendemos analisar os movimentos de paráfrase estabelecidos pelo P1 e P2, e os efeitos de sentidos dessas operações parafrásticas tanto no AT1, que faz uma aproximação entre duas áreas: Análise do Discurso e Educação. Quanto no AT2 que pretende fazer uma abordagem do conceito de ambigüidade discursiva no texto publicitário.

No AT1, o P1 para discutir sobre o letramento escolar convoca vários autores reconhecidos pelos estudos voltados para a referida temática, entre eles: Brian Street, Clecio Buzen, Angela Kleiman, Roxane Rojo; no entanto é à Dominique Maingueneau, da Análise do Discurso, que o P1 busca mostrar sua filiação, como se pode verificar no trecho do AT1, “filiado ao quadro teórico desenvolvido por Dominique Maingueneau” (p.179) o qual ele deixa explícito logo em seu resumo.

No AT2, o P2 traça um diálogo com diferentes autores para chegar ao seu objetivo de pesquisa que é fazer uma análise da ambiguidade discursiva no texto publicitário considerando as condições de produção do discurso publicitário, para isso, ele retoma algumas discussões como a de Bakhtin para entender a concepção da linguagem; Orlandi com a relação entre o texto e o discurso que é o que ele quer investigar. Ele quer ver no texto publicitário uma ambiguidade discursiva, e a intencionalidade que essa ambiguidade mostra, de modo que os enunciadores e co-enunciadores da língua precisam reconhecer nos diferentes discursos o implícito por traz desse discurso. Para observar esse fator, é a Maingueneau e Charaudeau que o pesquisador norteia sua discussão, pois é a partir deles que ele traz o sentido de ambiguidade, um sentido que já está cristalizado e que se aplica ao texto publicitário que ele busca analisar.

Para mostrar o movimento de paráfrase organizamos os dados em quadros de duas colunas, considerando a relação comparativa entre o excerto do texto fonte e o excerto do texto reformulado. Vamos identificar o texto fonte com a seguinte forma (AUTOR, ano, página). E o texto reformulado, vamos utilizar as identificações dos *corpus* já mencionados no corpo deste trabalho (AT1 e AT2) e o número da página da qual foi retirada o excerto analisado.

Os quadros a seguir mostram o percurso da escrita do P1 e do P2 em cinco (5) momentos: A ligação a autores que discutem sobre letramento; o diálogo delimitado com Maingueneau; as fronteiras entre a paráfrase e a alusão; o discurso direto camuflado de paráfrase e a paráfrase e o desembaraço do pesquisador.

5.1 A ligação a autores que discutem sobre letramento

Pesquisar sobre o letramento implica dialogar com estudos, com autores que investigam essa temática. No quadro a seguir, apresentamos esse diálogo a partir da paráfrase que o P1 faz do discurso de Brian Street, do artigo *Perspectiva Interculturais sobre o Letramento (2006)*. O primeiro excerto do quadro a seguir, faz referência ao texto fonte de Street (2006), e o segundo excerto é recortado da fundamentação teórica do P1, do artigo AT1, sessão intitulada *Letramento escolar: práticas, eventos, agências e agentes de letramento*.

QUADRO (1) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 1

Texto fonte / Street (2006)	P1 / AT1
<p>O poder de definir e de nomear é em si mesmo um dos aspectos essenciais dos usos do letramento, de modo que precisamos ser ainda mais cuidadosos acerca dos termos ao abordar o próprio letramento. De acordo com isso, proponho alguns conceitos-chave como um tipo de esquema no qual encaixar descrições do letramento em prática. Prefiro, antes de mais nada, falar de práticas de letramento do que de “letramento como tal” Existem vários modos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e o testemunho de sociedades e épocas diferentes demonstra que é enganoso pensar em uma coisa única e compacta chamada letramento.</p> <p>(STREET, 2006, p.465 - 466)</p>	<p>Brian Street (2006) prefere usar o termo práticas de letramento – como modo de evidenciar a diversidade e multiplicidade de letramentos – ao termo letramento, por considerar que existem diversos e diferentes modos de representarmos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e culturais, tempos e espaços, épocas e sociedades.</p> <p>(AT1, p.182)</p>

Fonte: Street (2006)

Fonte: P1 / AT1

É possível observar no texto segundo, AT1, que o P1 começa fazendo menção ao nome próprio seguido do ano, “**Street (2006)**”, ou seja, situa a voz retomada e anuncia a própria compreensão sobre o discurso citado no que se refere às práticas de letramento.

A citação indireta é mobilizada como uma forma de buscar um dizer autoral de quem quer produzir a partir da palavra alheia, mas uma observação atenta ao que parece ser a expressão da própria palavra do P1, mostra a dificuldade de abrir mão das palavras do texto fonte. O P1 se prende às palavras de Street, como eco das palavras do autor fonte, um movimento que parece mais distante da produção de enunciados e mais próximo da colagem da palavra do outro.

Se compararmos o fragmento do enunciado do P1/AT1 ao enunciado de Street (2006), percebemos como a paráfrase pode se apresentar como um movimento de reformulação e aderência às palavras alheias. No texto fonte, de Street (2006), “**Prefiro, antes de mais nada, falar de práticas de letramento do que de ‘letramento como tal’**”, o autor fonte se posiciona em relação ao uso de dois termos: letramentos e práticas de letramentos, como se vê no verbo “**prefiro**”. O P1, retoma Street porque esse é um conceito-chave do artigo em questão. No AT1, ao

fazer retomada as palavras de Street, o P1 preserva o uso do verbo “preferir” como mostra no excerto desse artigo, “**Brian Street (2006) prefere usar o termo prática de letramento (...)**”, ou seja, o P1 realiza uma operação que Authier-Revuz (2004) chama de controle regulagem da comunicação que, aos olhos do locutor, são vistas como normais e garantias de sentidos. Essa operação vemos na construção da paráfrase como um todo. A troca dos termos “**vários**” por “**diversos**”; a inversão da expressão “**modos diferentes**” por “**diferentes modos**” estabelecem o jogo que Fuchs (1985) aponta de sinonímia e equivalência como operações de garantias de sentidos.

Street (2006) explica que o sentido de letramento não é “uma coisa única e compacta”, diz que “**Existem vários modos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais**”. Essa explicação que aparece como se fosse uma paráfrase, na escrita do P1, não mostra uma posição analítica da atividade de reformulação.

Ao escrever “**existem diversos e diferentes modos de representarmos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e culturais, tempos e espaços, épocas e sociedades**”, o P1 realiza uma atividade de incorporação da palavra alheia, pela simulação da posição analítica a partir do esquema do discurso indireto.

Nesse fragmento, o P1 inclui palavras que especificam o substantivo “contexto”, no entanto essa inclusão não caracteriza a posição de quem se aventura a dizer e a correr os riscos de tradutor do discurso alheio. O diálogo que o P1 realiza com Street sobre o conceito de letramento é feito com o cuidado de quem busca preservar sentidos pela incorporação e aderência à palavra alheia tal qual foi dita no texto fonte.

5.2 O diálogo delimitado com Maingueneau

Para apresentar essa categoria, organizamos os dados considerando a relação comparativa entre o fragmento do texto fonte, recortado dos livros de Maingueneau: *Novas tendências em Análise do Discurso (1997)* e *Gênese do Discurso (2008)* e o fragmento reformulado, foi recortado da escrita do P1 do AT1.

No quadro a seguir, o fragmento do texto fonte integra o livro *Novas tendências em Análise do Discurso*, capítulo que trata sobre *Prática discursiva*. E o

fragmento segundo situa-se na fundamentação teórica do P1, do AT1, na sessão intitulada *A prática discursiva em Dominique Maingueneau*.

QUADRO (2) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 2

Texto fonte / Maingueneau (1997)	P1 / AT1
<p>Dito de outra forma, é preciso articular as coerções que possibilitam a formação discursiva com as que possibilitam o grupo, já que estas duas instâncias são conduzidas pela mesma lógica. Não se dirá, pois, que o grupo gera um discurso do exterior, mas que a <i>instituição-discursiva</i> possui, de alguma forma, duas faces, uma que diz respeito ao social e a outra, à linguagem.</p> <p>(MAINGUENEAU, 1997, p.55)</p>	<p>Percebendo que é preciso articular as coerções que possibilitam uma formação discursivas e as coerções que possibilitam o grupo, já que ambas as instâncias seguem a mesma lógica, Maingueneau (1997) afirma que a instituição discursiva possui duas faces: uma relacionada ao social e outra relacionada à linguagem.</p> <p>(AT1, p.188)</p>

Fonte: Maingueneau (1997)

Fonte: P1 / AT1

No texto reformulado, vemos uma operação parafrástica em que a voz de Maingueneau (1997) se mostra antes mesmo de ser anunciada e marcada como texto fonte, o P1 faz um jogo em que a voz alheia é mobilizada antes mas não é sinalizada. Observamos nessa operação que a paráfrase de reformulação parece não ter limites precisos na materialidade da escrita.

No AT1, o texto reformulado está organizado em duas partes: uma sem marcação da palavra alheia “**Percebendo que é preciso articular as coerções que possibilitam uma formação discursivas e as coerções que possibilitam o grupo, já que ambas as instâncias seguem a mesma lógica**” e outra como uma citação indireta de Maingueneau “**Maingueneau (1997) afirma que a instituição discursiva possui duas faces: uma relacionada ao social e outra relacionada à linguagem**”. Essa divisão gera um efeito de encontro entre o enunciado autoral do P1 e a paráfrase da voz de Maingueneau, autor ao qual o P1 busca marcar a sua filiação teórica. No entanto, se compararmos o fragmento do texto fonte, de Maingueneau (1997), ao fragmento do AT1, vemos que essa divisão é apenas aparente, pois o enunciado é construído em diálogo estreito com a retomada das palavras de Maingueneau, já que no AT1 a primeira parte consiste na reprodução

do texto fonte, enquanto a segunda parte pode ser considerada uma reformulação na qual os sentidos serão alterados.

No texto fonte, Maingueneau usa o termo “instituição-discursiva” em itálico e como substantivo composto. O destaque da palavra funciona como uma ressalva para que o interlocutor ponha em suspenso os sentidos sobre as duas palavras que circulam separadamente. Instituição-discursiva no texto fonte corresponde a um só termo, ou seja, a nomeação de algo, mas no texto reformulado, do AT1, o P1 transforma o substantivo composto em dois termos - “instituição discursiva” - e assim altera o sentido. Instituição é utilizado como substantivo e discursiva como adjetivo. Essa separação modifica o dizer do texto fonte. Nessa operação parafrástica, o P1 se aventura e se expõe aos riscos, às ciladas interpretativas. Na busca pela transparência do dizer, o P1 acaba por gerar falhas na língua, à medida em que ele não usa o termo Instituição-discursiva em itálico e integrado como uma só palavra, relativizando assim, o sentido do substantivo composto.

Essa operação parafrástica vem acompanhada de uma outra: a supressão da expressão “**de alguma forma**” presente no enunciado do texto fonte “***instituição-discursiva possui, de alguma forma, duas faces***”, no entanto, o que se vê na escrita do P1 “**Maingueneau (1997) afirma que a instituição discursiva possui duas faces**”, é que P1 usa o verbo **afirmar**, que carrega uma carga semântica de certeza, para referir-se às palavras de Maingueneau. O uso do verbo “**possuir**” não parece ser a melhor palavra, visto que ela atribui valor assertivo ao que foi relativizado no texto fonte pela expressão “**de alguma forma**”. O verbo “**afirmar**” e a supressão da expressão, no AT1, eliminam a ideia de possibilidade que Maingueneau destaca. Portanto, percebemos que, na busca pela transparência, o P1 adultera o sentido original do texto referenciado.

O movimento dialógico com a palavra alheia envolve preservação e alteração do sentido. Preservar o que parece ser a essência e alterar o que parece menos central é uma operação que deixa ver a interpretação do pesquisador, o cuidado com o discurso de outrem e a paráfrase como uma operação de quem se coloca como filiado a um autor a uma linha de pensamento.

QUADRO (3) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 3

Texto fonte / Maingueneau (1997)	P1 / AT1
<p>Como o termo “instituição discursiva” apresenta o inconveniente de privilegiar os aparelhos e de poder referir unicamente ao aspecto enunciativo, falaremos de prática discursiva para designar esta reversibilidade essencial entres duas faces, social e textual, do discurso. A noção de “prática discursiva” integra, pois, estes dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro o que chamaremos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva.</p> <p>(MAINGUENEAU, 1997, p.56)</p>	<p>Em substituição à denominação “instituição discursiva”, alegando que ela “apresenta o inconveniente de privilegiar os aparelhos e poder referir unicamente ao aspecto enunciativo”, Maingueneau (1997, p. 56) utiliza a expressão <i>prática discursiva</i> para designar a reversibilidade essencial entre as faces social e textual do discurso. Dessa forma, o autor compreende que</p> <p style="padding-left: 40px;">A noção de “prática discursiva” integra, pois, estes dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro o que chamaremos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva (MAINGUENEAU, 1997, p. 56, grifo do autor).</p> <p>(AT1, p.188)</p>

Fonte: Maingueneau (1997)

Fonte: P1 / AT1

No AT1, que corresponde ao texto parafraseado, o P1 faz um entremeio de citação direta + citação indireta + direta, ou seja, a palavra alheia preservada e separada por aspas, seguida de uma suposta paráfrase. Ocorre uma mistura de vozes, o P1 junta as ideias dele com as de Maingueneau como se uma fosse continuação da outra.

O P1 simula realizar uma aproximação de vozes, faz da paráfrase uma espécie de ilha textual do próprio dizer. Essa ilha, entretanto, é ilusória quando comparamos o fragmento do texto fonte, “**falaremos de prática discursiva para designar esta reversibilidade essencial entres duas faces, social e textual do discurso**”, ao fragmento do texto parafraseado, do AT1, “**utiliza a expressão prática discursiva para designar a reversibilidade essencial entre as faces social e textual do discurso**”.

Pela comparação, vemos que as aspas, apenas de modo aparente, marcam as fronteiras entre os discursos, pois efetivamente o que ocorre é uma transcrição do texto fonte, camuflada como esquema de discurso indireto. Ao interpretar o texto

fonte, o P1 produz um enunciado que muito se aproxima do original, parecendo até mesmo uma réplica, porque responde e reproduz o texto fonte: é resposta porque todo enunciado é sempre uma atividade responsiva, é reprodução porque a preocupação está em preservar o original e não em arriscar-se a escrever a própria interpretação.

O P1 não faz reformulações produtivas que possam ser caracterizadas como um enunciado autoral. As operações realizadas como paráfrase que deveriam mostrar a inter-relação entre a voz do P1 e o discurso alheio não inserem informações novas, não instauram sentidos sobre uma paráfrase mais produtiva e menos reprodutiva.

QUADRO (4) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 4

Texto fonte / Maingueneau (2008)	P1 / AT1
<p>Mais valeria definir nosso objeto não como o discurso, mas como <i>prática discursiva</i>, seguindo nisso, em parte a visão de Michel Foucault, que introduz precisamente esse termo para referir-se ao “sistema de relações” que para um discurso dado, regula as localizações institucionais das diversas posições que o sujeito da enunciação pode ocupar.</p> <p>(MAINGUENEAU, 2008, p.136)</p>	<p>A prática discursiva se refere ao sistema de relações que, para um determinado discurso, regula as localizações institucionais das inúmeras posições que podem ser ocupada pelo sujeito da enunciação (MAINGUENEAU, 2008a).</p> <p>(AT1, p.189)</p>

Fonte: Maingueneau (2008)

Fonte: P1 / AT1

No quadro (4), o texto fonte integra o livro *Gênese do Discurso* (2008) de Maingueneau, capítulo que trata do *Discurso à prática discursiva*, e o texto reformulado encontra-se na fundamentação teórica do P1, no AT1, sessão intitulada *A prática discursiva em Dominique Maingueneau*.

No texto fonte, observamos um diálogo entre duas vozes para tratar sobre *prática discursiva*. A primeira voz é a de Maingueneau, empenhado em definir as práticas discursivas como seu objeto de estudo em seu livro, e para essa definição retoma a voz de Michel Foucault, como vemos em “**Mais valeria definir nosso**

objeto não como o discurso, mas como *prática discursiva*, seguindo nisso, em parte a visão de Michel Foucault, que introduz precisamente esse termo para referir-se ao “sistema de relações”. Temos, no texto fonte, um diálogo marcado de Maingueneau com Foucault, tanto pela menção a um nome próprio, como também pelo uso de recursos como as aspas, que tanto colocam sentidos em suspenso quando marcam a presença do discurso citado na escrita de Maingueneau.

O uso da aspa nesse enunciado mostra que o conceito de “sistema de relações” não é criado por Maingueneau, há vozes que falam antes e que não podem ser esquecidas, ao contrário, devem ser retomadas pois contribuem para construção dos sentidos que estabelecem o objeto de estudo de Maingueneau. Esse diálogo com Foucault não é um movimento à toa, não é uma retomada impensada, mas uma construção de enunciado pensada para esclarecer porque o objeto de estudo de Maingueneau não é o discurso, mas a prática discursiva, enquanto “sistema de relações”.

Explorar o sentido de práticas discursivas também é interesse da pesquisa que estamos analisando. O P1, do AT1, faz a paráfrase do que diz Maingueneau, mas não considera o diálogo que o Maingueneau estabelece com Foucault. No AT1, o P1 escreve “A prática discursiva se refere ao sistema de relações que, para um determinado discurso, regula as localizações institucionais das inúmeras posições que podem ser ocupada pelo sujeito da enunciação”, nesse enunciado, temos uma citação indireta que retoma o texto fonte - Maingueneau (2008), porém, nessa retomada das palavras do autor fonte, o P1 desconsidera o jogo envolvendo aspas presente no discurso outro, o discurso citado feito por Maingueneau ao tratar sobre o “sistema de relações”. As aspas em questão mostra o diálogo de Maingueneau com Foucault, o qual ele traz para dentro de sua discussão. Desconsidera também o modo como a expressão “*práticas discursivas*” aparece no texto fonte. O P1 retira o itálico da palavra *prática discursiva*, de modo que o destaque, dado pelo autor fonte, não é preservado na reformulação do P1, no AT1 que estamos analisando.

A supressão das aspas e do itálico na mobilização do discurso outro mostra atividade responsiva de um sujeito que não levou em conta as aspas e o itálico como marca de alteridade, comentários localizados (AUTHIER-REVUZ, 2004),

movimento dialógico que se estabelece na construção de enunciado científico, na delimitação de sentidos para a construção de um objeto de estudo.

5.3 As fronteiras entre a paráfrase e a alusão

O fragmento, do quadro (5) a seguir, foi recortado da fundamentação teórica do P1, do AT1, do item que discute sobre *o letramento enquanto prática discursiva*. Nessa sessão do artigo, particularmente, a presença do discurso outro se mostra a partir do que chamamos, considerando os estudos de Miranda (2020, p.127), de alusão, nas palavras da autora: “Quando o sujeito faz alusão a um ‘outro’ discurso, não diz claramente a quem está referindo-se, mas faz insinuações contextuais de menção a esse outro, que é exterior ao discurso”.

Trata-se de um tipo de incorporação do discurso alheio que fundamenta teoricamente a escrita acadêmica, sem uma identificação explícita, sem uma marcação da voz alheia na materialidade textual, porém diante das operações que se refere à mobilização de conceitos, teremos indícios que funcionam como pistas alusivas. Uma dessas pistas são os termos que circulam como conceitos teóricos forjados por autores mobilizados na escrita e uma pesquisa.

QUADRO (5) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 5

P1 / AT1
Podemos dizer que a prática de letramento que o configura é formada por um conjunto de enunciados agrupados sob posicionamentos ideológicos marcados – que a reforçam – e assumidos pelo aparelho institucional escolar e pelos sujeitos que a ele se filiam, formando a comunidade discursiva escolar. Tais posicionamentos estabelecem o sistema de regras semânticas e as superfícies discursivas que agrupam os enunciados que pertencem e emolduram as formações discursivas do letramento escolar.
(AT1, p.191)

Fonte: P1 / AT1

Nesta seção do artigo analisado, o P1 busca aproximar os Estudos do Letramento a conceitos da Análise do Discurso, partindo dos estudos de Dominique Maingueneau. Nesse fragmento, temos um diálogo do P1 com autores mobilizados

na fundamentação de sua pesquisa. A retomada das vozes não acontece a partir dos esquemas de discurso citado, nos quais observamos a identificação nominal dos autores, a retomada acontece pelo entrelaçamento de vozes não nomeadas, que se mostra por operação de alusão. Na alusão, o pesquisador recupera a voz de outrem sem indicar a fonte, porém, é possível perceber indícios sobre os discursos convocados a partir do uso de palavras que recuperam conceitos teóricos.

Nesse fragmento, o P1 não só traz a voz dos autores que discutem sobre letramento e a voz de Maingueneau, mas ele também fala, se coloca como aquele que leu e compreendeu o que essas duas áreas de pesquisas dizem e faz o cruzamento entre o conceito de prática de letramento com a prática discursiva, a fim de chegar ao seu objetivo de pesquisa.

Ao realizar aproximação entre o letramento e a prática discursiva, o P1 deixa pistas de que na construção de seu enunciado, a alusão foi a estratégia utilizada para construir o seu discurso quanto alguém que leu e compreendeu esses conceitos, responde ativamente às vozes convocadas e mostra um discurso com um tom autoral de quem se empenha em fortalecer os estudos do letramento escolar pela construção de aliança entre autores de áreas diferentes.

Os conceitos chaves “**práticas de letramentos**” e “**práticas discursivas**”, cruzados pelo P1 em seu enunciado, recuperam um exterior teórico que fundamenta o discurso do P1, embora não esteja explícita em seu enunciado a voz referente a esse discurso retomada por ele. Vemos indícios dessa alusão quando o P1 sinaliza essas duas ideias que em linhas gerais não nasceu com ele, mas que é referente a um discurso que já está materializado e circula, que é o discurso de Maingueneau sobre práticas discursivas e de Street (2006) sobre práticas de letramento as quais são mencionadas no discurso do P1 sem uma identificação nominal dos autores fonte. No entanto, o P1 toma para si esses conceitos vindo de um campo discursivo específico e reproduz em seu enunciado.

O enunciado recortado evidencia como o P1 engendra as vozes em sua escrita e assume posições enunciativas diferentes na construção do texto. Esta retomada, não marcada, por meio de alusão, mostra como o P1 se aventura com o texto lido e se coloca como filiado a Maingueneau ao fazer aproximações teóricas entre essas duas vozes.

O fragmento recortado mostrou que essa foi a estratégia que o P1 encontrou de aproximar a voz do letramento, a de Maingueneau e a dele mesmo, a voz de um pesquisador que articula para gerenciar ponto de vista teórico e, a partir dessa estratégia, o P1 tem um movimento que vai indicando o jogo da filiação teórica.

Essas explicações mostram os limites de retomada da voz de outrem, seja pela paráfrase ou pela forma de alusão, ambas estratégias linguístico-discursivas revelam o diálogo com a voz do outro, a relação que o P1 estabelece com conhecimentos já produzidos, a interação com outros discursos.

5.4 O discurso direto camuflado de paráfrase

Esta categoria diz respeito a escrita do P2, do AT2. O fragmento do texto fonte foi recortado do *Dicionário de análise do discurso* de Maingueneau e Charaudeau (2004). O fragmento do texto segundo, analisado abaixo, foi recortado da fundamentação teórica do AT2, capítulo *Ambigüidade Estrutural à Ambigüidade Discursiva*.

QUADRO (6) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 6

Texto fonte/Maingueneau e Charaudeau (2004)	P2 / AT2
<p>A ambigüidade é um fenômeno ligado à discursivização de um enunciado. Esse fenômeno se reproduz sempre que uma mesma frase apresente vários sentidos e seja, então susceptível de ser interpretada de diversas maneiras.</p> <p>(MAINGUENEAU e CHARAUDEAU, 2004, p.35)</p>	<p>Para Maingueneau e Charaudeau (2004), a ambigüidade é um fenômeno ligado à discursivização de um enunciado. Esse fenômeno se reproduz sempre que uma mesma frase apresente vários sentidos e seja, então suscetível de ser interpretada de diversas maneiras.</p> <p>(AT2, p.65)</p>

Fonte: Maingueneau e Charaudeau (2004)

Fonte: P2 / AT2

Neste capítulo do artigo analisado, o pesquisador vem abordar a noção de ambigüidade. O objetivo do pesquisador é fazer uma análise da ambigüidade discursiva em textos publicitários, portanto, para chegar em seu objetivo, ele abre

parêntese para uma discussão a partir da perspectiva de Maingueneau e Charaudeau (2004) sobre ambiguidade discursiva.

O pesquisador retoma o conceito dos autores fazendo uso da citação indireta para discutir tal temática, ou seja, ele busca falar a partir Maingueneau e Charaudeau o que esses nomes próprios dizem sobre ambiguidade. Inicialmente, o pesquisador faz uma sinalização nominal ao qual se refere “**Para Maingueneau e Charaudeau (2004)**”, essa sinalização indicia que o pesquisador fará uma paráfrase ao discurso outro.

Desta forma, se espera então que o pesquisador apresente a sua interpretação diante do que leu, visto que ele fez a marcação do discurso indireto, todavia, o que se encontra, é um movimento que mais se parece com um discurso direto, pois se compararmos o excerto do texto fonte “**A ambiguidade é um fenômeno ligado à discursivização de um enunciado. Esse fenômeno se reproduz sempre que uma mesma frase apresente vários sentidos e seja, então suscetível de ser interpretada de diversas maneiras.**”, com o excerto do texto segundo “**Para Maingueneau e Charaudeau (2004), a ambigüidade é um fenômeno ligado à discursivização de um enunciado. Esse fenômeno se reproduz sempre que uma mesma frase apresente vários sentidos e seja, então susceptível de ser interpretada de diversas maneiras.**” vemos que o discurso segundo se parece idêntico ao discurso do texto fonte.

No entanto, nessa categoria *o discurso direto camuflado de paráfrase*, aquilo que deveria ser uma reprodução das palavras alheias, a qual passa pelo filtro de compreensão do sujeito, em dizer o que outro disse a partir de novas palavras, mais se aproxima de uma reprodução. Em todo enunciado do fragmento segundo não percebemos jogos parafrásticos de sinonímia, equivalência ou reformulação no discurso do pesquisador, mas vemos um movimento de réplica do discurso outro, réplica no sentido de deixar o mais próximo possível sem se desprender das palavras do texto fonte, prevalecendo quase toda parte do texto original. Neste movimento analisado, o pesquisador está tão unido às palavras de Maingueneau e Charaudeau (2004) que se assemelha a uma cópia das palavras alheias, ele marca na materialidade que vai fazer interpretação da palavra do outro, pela sinalização de discurso indireto “**Para Maingueneau e Charaudeau (2004)**”, mas esse feito não acontece como se

espera, pelo contrário, o que vemos é uma camuflagem das palavras do outro para seu texto.

Levando em consideração a discussão a cima, percebemos que quando o pesquisador transita pelas discussões de Maingueneau e Charaudeau (2004), ele se firma mais na fundamentação teórica, ele se mostra preso e não corre os riscos de se aventurar com a palavra do outro, diferente do que ocorre com o diálogo com outros autores retomado no artigo. Parafrasear Maingueneau e Charaudeau (2004), neste fragmento, não revelou um movimento autoral do pesquisador, de leitura, compreensão e reformulação do pesquisador, isso nos faz pensar que talvez seja um movimento proposital de se firmar nas palavras dos autores, de não se arriscar para não adulterar o sentido original, uma estratégia de marcar sua filiação aos autores, visto que é a discussão deles que se volta a análise do artigo explorado.

O quadro a seguir dará continuidade aos movimentos de *discurso direto camuflado de paráfrase*, considerando a voz de Mainguneau e Charaudeau (2004). O fragmento do texto fonte foi recortado do *Dicionário de análise do discurso* de Mainguneau e Charaudeau (2004). O fragmento do texto segundo foi selecionado da fundamentação teórica do artigo analisado, capítulo Da Ambigüidade Estrutural à Ambigüidade Discursiva.

QUADRO (7) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 7

Texto fonte / Maingueneau e Charaudeau (2004)	P2 / AT2
<p>O fenômeno de <i>desambiguação</i> consiste, conseqüentemente, em produzir interferência que, apoiando-se nos indícios contextuais e no saber previamente registrado na memória, constroem os implícitos previstos pelo sujeito falante.</p> <p>(MAINGUENEAU e CHARAUDEAU, 2004, p. 35 – 36)</p>	<p>Para Maingueneau e Charaudeau (2004), o fenômeno de desambigüização do discurso consiste, conseqüentemente, em produzir interferências que, apoiando-se nos indícios contextuais e no saber previamente registrado na memória, constroem os implícitos previstos pelo sujeito falante.</p> <p>(AT2, p.67)</p>

Fonte: Maingueneau e Charaudeau (2004) Fonte: P2 / AT2

Dando sequência a análise, o texto segundo do quadro (7) faz um jogo parafrástico muito parecido com o da discussão da análise anterior. Novamente o pesquisador referencia **Maingueneau e Charaudeau (2004)** a partir do discurso indireto e logo em seguida ele começa tratar sobre o fenômeno da desambiguação na perspectiva dos referidos autores.

Assim como na análise anterior, este fragmento do texto segundo **“Para Maingueneau e Charaudeau (2004), o fenômeno de desambigüização do discurso consiste, conseqüentemente, em produzir interferências que, apoiando-se nos indícios contextuais e no saber previamente registrado na memória, constroem os implícitos previstos pelo sujeito falante.”** retrata um movimento de paráfrase em que pouco se insere informações e sentidos novos atribuídos pelo pesquisador. Ele diz que vai fazer uma paráfrase, quando deixa explícito para o interlocutor logo no início do enunciado, quando faz referência ao uso de discurso indireto **“Para Maingueneau e Charaudeau (2004)”**, mas a ideia de colagem ganha destaque na escrita do pesquisador.

A voz do pesquisador, quando dialoga com Maingueneau e Charaudeau, acaba se escondendo às palavras dos autores, é como se a interpretação e reformulação sozinha não fossem suficientes para explicar e por isso, ele prefere trazer as palavras dos próprios autores. Embora esteja marcada no início do enunciado o marcador de discurso indireto **“Para Maingueneau e Charaudeau (2004)”**, o que se espera é que ocorra um processo de parafrasagem, mas não é bem isso que acontece quando o pesquisador traça esse diálogo. Esse diálogo estreito com os autores fontes nesta categoria nos revela que o processo de filiação teórica ligado a nomes como de Maingueneau por exemplo, nesse artigo em específico o qual não vem discutir sobre ensino, não revela um movimento de autoria do pesquisador com o Maingueneau.

O pesquisador mobiliza um autor que transita em diferentes áreas da Análise do Discurso para se fundamentar e mostrar que traz Maingueneau e Charaudeau para a sua discussão, para definir sentidos que já estão estabelecidos, em vista disso, não temos uma implicação do pesquisador com os autores e nem uma filiação teórica que revele a posição enunciativa desse pesquisador, os sentidos que foram apreendidos por ele nesta interação, o seu entendimento diante de sentidos já cristalizados e retomados para a sua escrita. Ou seja, a exposição do discurso outro

aparece camuflada de paráfrase, e se pensar esta estratégia a partir da filiação teórica, vemos que ela não mostra o lugar de voz do sujeito enunciator como pertencente a linha teórica de Maingueneau e Charaudeau, não mostra o pesquisador como filho que fala a partir dessas vozes, que dá continuidade a partir da sua compreensão a essa linha teórica num movimento autônomo.

No fragmento do texto segundo **“Para Maingueneau e Charaudeau (2004), o fenômeno de desambigüização do discurso consiste, conseqüentemente, em produzir interferências que, apoiando-se nos indícios contextuais e no saber previamente registrado na memória, constroem os implícitos previstos pelo sujeito falante.”**, o pesquisador faz uma transcrição das palavras de Maingueneau e Charaudeau para seu texto, aparentemente, quando se inicia o enunciado do pesquisador explicando o fenômeno de desambigüização, nos faz pensar que trata da interpretação do pesquisador, porém quando paramos para analisar o texto original, percebemos que no texto segundo, o pesquisador só faz uma transcrição das palavras dos autores, visto que, quase todo enunciado é reproduzido tal qual Maingueneau e Charaudeau disseram, conforme o trecho fonte a seguir confirma **“O fenômeno de *desambigüização* consiste, conseqüentemente, em produzir interferências que, apoiando-se nos indícios contextuais e no saber previamente registrado na memória, constroem os implícitos previstos pelo sujeito falante”**.

Nesta transcrição do discurso outro para o texto segundo, pouco se vê a voz do pesquisador, o único momento em que essa voz aparece é a partir de alterações de uma a duas palavras que são mudadas para não ficar tal qual original. Nesse caso, o fragmento segundo fez alteração no uso da palavra ambigüidade, que no texto fonte encontra-se em itálico, e no texto segundo o pesquisador suspende o uso do itálico. Bem como ocorre o acréscimo da palavra **“discurso”**, inserida junto a expressão **“o fenômeno de desambigüização do discurso”** especificando no texto segundo que se refere ao discurso. Esses foram os movimentos em que o pesquisador aparece na escrita, no mais, todo restante do enunciado não pertence a ele, mas a voz teórica legitimada que sustenta a discussão.

Parafrasear Maingueneau e Charaudeau (2004), neste fragmento, não revelou um movimento autoral do pesquisador, de leitura, compreensão e reformulação do pesquisador, isso nos faz pensar que talvez seja um movimento

proposital de se firmar nas palavras dos autores, de não se arriscar para não adulterar o sentido original, uma estratégia de marcar sua filiação aos autores, visto que é a discussão deles que se volta a análise do artigo explorado. Não percebemos uma implicação do pesquisador com os autores e nem uma filiação teórica que revele a posição enunciativa desse pesquisador, os sentidos que foram apreendidos por ele nesta interação, a compreensão dele sobre ambiguidade que é retomado em sua escrita. A exposição do discurso outro aparece camuflada de paráfrase, e se pensar esta estratégia a partir da filiação teórica, vemos que ela não mostra o lugar de voz do sujeito enunciador como pertencente a linha teórica de Maingueneau e Charaudeau.

5.5 A paráfrase e o desembaraço do pesquisador

Esta categoria de paráfrase também integra a escrita do P2, no AT2. O processo de reformulação parafrástica a seguir, o texto fonte refere-se à discussão de Orlandi (1998), capítulo que trata sobre Texto e Discurso, recortado do livro *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. O fragmento do texto segundo foi recortado da fundamentação teórica do AT2, capítulo *Texto e Discurso*. O quadro a seguir apresentará os movimentos parafrásticos realizados pelo P2.

QUADRO (8) – OPERAÇÃO INTERPRETATIVA 8

Texto fonte / Orlandi (1998)	P2 / AT2
------------------------------	----------

<p>Ao longo de meu trabalho tenho colocado já repetidas vezes que um texto, do ponto de vista de sua apresentação empírica, é um objeto com começo, meio e fim, mas que, se o consideramos como discurso, reinstala-se imediatamente sua incompletude. Dito de outra forma, o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada – embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira – pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer).</p> <p>(Orlandi, 1998, p.54)</p>	<p>Como afirma Orlandi (1998, p.54): “um texto, do ponto de vista de sua apresentação empírica, é um objeto com começo, meio e fim, mas que, se o consideramos como discurso, reinstala-se imediatamente sua incompletude”. Dessa forma, Orlandi (1998) aponta para um caráter relacional e extratextual do texto a partir do discurso, uma vez que, funcionando como material lingüístico do discurso, o texto se relaciona com outros textos, entrando em contato com outros discursos bem como com suas condições de produção (o sujeito e a situação).</p> <p>(AT2, p.59)</p>
---	---

Fonte: Orlandi (1998)

Fonte: P2 / AT2

No fragmento do texto segundo, o P2 levanta uma discussão sobre Texto e Discurso a partir da Análise do Discurso (AD), uma discussão voltada a partir da perspectiva da pioneira na área da Análise do Discurso, Eni Orlandi. Logo no início da discussão do item *Texto e Discurso*, no artigo em questão o pesquisador começa o seu enunciado fazendo um enunciado muito próximo à palavra do outro, ao discurso de Orlandi, quando o pesquisador inicia sua discussão a partir do uso do discurso direto no texto segundo **“Como afirma Orlandi (1998, p.54): ‘um texto, do ponto de vista de sua apresentação empírica, é um objeto com começo, meio e fim, mas que, se o consideramos como discurso, reinstala-se imediatamente sua incompletude’ ”** usado para introduzir em seguida a fala do pesquisador, ou seja, sua paráfrase.

O discurso direto, retomado nesta sessão, foi um recuso inicial de situar o leitor sobre a discussão abordada neste item, a relação entre texto e discurso a qual ele conceitua a partir da própria fala da autora em um primeiro momento. Logo, vemos em seguida um movimento em que o pesquisador busca se desprender mais das palavras da autora e realiza uma escrita a partir de sua compreensão, um movimento de paráfrase das palavras do outro, a qual é representada a partir do discurso indireto no texto segundo **“Dessa forma, Orlandi (1998) aponta para um caráter relacional e extratextual do texto a**

partir do discurso, uma vez que, funcionando como material lingüístico do discurso, o texto se relaciona com outros textos, entrando em contato com outros discursos bem como com suas condições de produção (o sujeito e a situação)” . Ou seja, o pesquisador não está totalmente ligado às palavras alheias, por meio do discurso direto, mas pretende mostrar que entendeu o que Orlandi discute, percebemos uma implicação do pesquisador com a teoria de Orlandi, com os sentidos apreendidos e reformulados. Percebemos o desembaraço na lida com o discurso outro.

Ele busca dar os próprios passos na escrita numa operação que mostra o diálogo entre os textos e o pesquisador, uma atividade de interpretação e reformulação em dizer de outro modo o que já foi dito anteriormente, porém com outras palavras. O pesquisador, ao parafrasear, mostra uma implicação teórica maior em sua escrita, em dizer o que a autora fonte disse. Essa implicação é vista nesse movimento de parafrasagem, a medida em que ele não está preso as palavras da autora fonte, mas encontra-se num movimento de mergulhar no discurso outro e reproduzi-lo sem precisar grudar na palavra do outro.

O movimento de paráfrase, se constituiu inicialmente a partir da indicação nominal da voz do autor fonte, ou seja, quando o pesquisador referência, a partir de **“Orlandi (1998)”**, a voz que lhe atravessa para a elaboração de seu enunciado. Em seguida, após a menção a voz da autora fonte, ele traz a transposição de sua compreensão, diante da relação de texto e discurso. Nas palavras do pesquisador, **“Dessa forma, Orlandi (1998) aponta para um caráter relacional e extratextual do texto a partir do discurso, uma vez que, funcionando como material lingüístico do discurso, o texto se relaciona com outros textos, entrando em contato com outros discursos bem como com suas condições de produção (o sujeito e a situação) ”**, vemos no trecho transcrito, se comparado ao texto fonte, **“ Dito de outra forma, o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada – embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira – pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer).”** que o pesquisador faz uma reformulação das palavras de Orlandi.

Nesta reformulação, na tentativa de escrever o que entendeu, nota-se que os movimentos de parafraseagem no excerto acima do pesquisador, destaca que no geral, poucos termos e partes utilizadas nas palavras da autora fonte em seu texto, permanecem iguais na escrita do pesquisador, quando reformulada no texto segundo. No entanto, o que se nota nesse movimento de paráfrase, é que o pesquisador faz um jogo de paráfrase na perspectiva de Fuchs (1985) sobre a paráfrase por reformulação para reproduzir o discurso outro. Para isso, nota-se no texto segundo, palavras diferentes advindas da interpretação do pesquisador e que não estão presentes no texto fonte da mesma forma que o pesquisador enunciou no texto segundo, porém, a inserção dessas novas palavras, pensadas como estratégia de se distanciar das palavras da autora e dá um movimento mais próprio e não se distancia da ideia central defendida por Orlandi.

Vemos que a noção de Fuchs, de paráfrase por sinonímia, não é o recurso utilizado pelo pesquisador nesse processo de parafraseagem. Ou seja, nesse processo em dizer o que o outro disse, o pesquisador não só utiliza de recursos como sinonímia ou equivalência apontados por Fuchs (1985), ele não só faz uma relação de sentido correspondente entre a substituição de um termo lexical para outro que corresponda ao mesmo campo semântico, mas essa parafraseagem nos mostrou um processo maior de interpretação, em que o pesquisador se aventura mais e assume uma posição a partir do que leu e compreendeu. Esta paráfrase requer uma responsabilidade maior do sujeito enunciativo com a restauração do texto fonte.

Portanto, o pesquisador buscou mostrar que compreendeu o que disse Orlandi e que a partir dela, ele pode escrever sem precisar fazer uma “cópia” das palavras da autora, uma cópia no sentido de manter o máximo de palavras do texto fonte na reprodução do texto segundo, para que assim, não corra o risco de adulterar o sentido original. Mas, observamos que esse risco não é cometido pelo pesquisador.

A reformulação que o pesquisador faz **“Dessa forma, Orlandi (1998) aponta para um caráter relacional e extratextual do texto a partir do discurso, uma vez que, funcionando como material lingüístico do discurso, o texto se relaciona com outros textos, entrando em contato com outros discursos bem como com suas condições de produção (o sujeito e a situação)”** nos mostrou uma relação de sentido com o texto fonte. Essa ocorrência nos revela que a paráfrase por

reformulação usada aqui pelo o pesquisador, aparenta ser a forma mais propícia ao se produzir uma paráfrase. Evidencia que, dizer o que o outro disse, não significa dizer o mesmo, mas que dizer diferente exige uma responsabilidade com a palavra do outro e com os sentidos que carregam, com a voz do outro a qual é reformulada e colocada dentro do seu discurso.

Nesta categoria, *a paráfrase e o desembaraço do pesquisador*, o pesquisador mobilizou uma autora para construir seu diálogo em que ele melhor dialogou. Vemos que quando ele trouxe Orlandi, o processo de parafraseagem mostrou que a mobilização dos conceitos discutidos pela autora melhor indicaram a filiação teórica do pesquisador. A paráfrase por reformulação aqui discutida evidencia como o locutor lê, interpreta e escreve sobre essa interpretação, a fim de colocar-se como parte de uma família teórica, ou seja, uma discussão que ele levantou e sustentou em seu trabalho, se aproximando do conceito de filiação teórica. A análise que levantamos e apresentamos nesta categoria nos faz pensar sobre a paráfrase e a filiação teórica como encontro e interação com o dizer do outro, um investimento maior do pesquisador no jogo interpretativo, de modo que as categorias anteriores pouco revelaram.

Esta paráfrase requer uma responsabilidade maior do sujeito enunciador com a restauração do texto fonte. Vemos que quando ele trouxe Orlandi, o processo de parafraseagem mostrou que a mobilização dos conceitos discutidos pela autora melhor indicaram a filiação teórica do pesquisador.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa iniciou-se com o seguinte questionamento: como o pesquisador mobiliza, a partir da paráfrase, vozes e deixa à mostra sua filiação a uma linha de pensamento teórico?, para responder a esse questionamento, estudamos a escrita acadêmica de periódicos científicos maranhenses, exclusivamente, olhamos para a revista *Littera*, a fim de analisar as formas de discurso citado, especificamente, fazer uma parada reflexiva para a paráfrase e indícios de alusão ao discurso outro, buscando entender como aquele que escreve mobilizou conceitos, dialogou com a voz de *outrem*, para a construção do seu enunciado e para mostra-se filiado a uma linha de pesquisa.

Em busca de respostas a essa proposta, analisamos dois artigos científicos da revista *Littera*, esta análise nos possibilitou ver que as operações parafrásticas para marcar a filiação teórica envolvem um jogo de forte aderência à palavra alheia, que paralela à paráfrase estão os jogos de alusão que sinalizam para o gerenciamento de vozes em uma posição de menos aderência e mais autonomia.

Na investigação que levantamos considerando a análise dos dois artigos: AT1 e AT2, e concluímos que fazer paráfrase na escrita acadêmica é marcar a responsabilidade e responsividade do pesquisador quanto o gerenciamento de vozes que são convocadas para o seu texto. A paráfrase se aplica na escrita como um encontro e interação com a palavra do outro e, como marca de alteridade da escrita acadêmica. Percebemos que no texto acadêmico a paráfrase possui um movimento bastante recorrente o qual indicia um movimento de tensão feito pelo pesquisador.

Percebemos diante dos *corpus* analisados que fazer paráfrase num texto científico apresenta tanto um movimento de alguém que se cola na palavra do outro, no sentido que, mudar a palavra do outro significa alterar o sentido e isso no texto acadêmico pode ser um risco para aquele que escreve, como também percebemos um movimento mais autoral daquele que escreve, a interpretação daquilo que está sendo analisado por ele, um movimento de compreensão e responsividade com a palavra do outro no processo de reformulação em dizer o que outro disse a partir das próprias palavras, no entanto, percebe-se que esses dois percursos permeia na escrita acadêmica e no fazer paráfrase.

Construir uma paráfrase não é um movimento tranquilo e fácil, uma vez que requer o cuidado com a palavra do outro, com a restauração do texto fonte, de modo que não adultere o sentido original, mas que sustente a ideia que foi defendida pelo autor fonte quando for reformulada nas palavras do pesquisador. Marcar a filiação teórica a partir da parafrasagem, ora se mostrou uma filiação muito grudada, presa as palavras da voz norteadora da pesquisa, ora se mostrou uma filiação mais autônoma a Maingueneau, uma vez que os P1 e P2 se aventura em dizer, em mostrar que compreendeu e pode marcar sua filiação a linha teórica de Maingueneau. Portanto, a discussão que levantamos acerca das questões relativas a produção escrita que circula no meio acadêmico, especificamente, a paráfrase, mostraram o modo como os pesquisadores

mobilizaram a voz alheia para fundamentar teoricamente o próprio dizer do pesquisador e como essa mobilização deixou a ver sua filiação.

Sendo assim, concluímos que a paráfrase é uma ferramenta importante para desenvolvimento da escrita acadêmica, uma vez que compreender a palavra do outro e reproduzi-la sem, no entanto, copiá-la, requer atenção na hora de vincular as palavras próprias às palavras alheias. A paráfrase deixa a mostra o cuidado com a palavra do outro carregada de legitimidade no campo acadêmico, pois trata-se de mobilizar conceitos da cultura acadêmica, de busca pelo reconhecimento e aprovação da posição enunciativa do sujeito enquanto filiado. A paráfrase deixa a ver a construção do processo de filiação teórica na cultura acadêmica.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Augusto Ângelo Nascimento. AMBIGÜIDADE DISCURSIVA DO TEXTO PUBLICITÁRIO. *Littera*, Revista de Estudos Linguísticos e Literários, São Luís, 2007, p. 53 – 76 , jul./Out . 2021. Edição especial.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

_____. **Estética da criação verbal**. 4^o ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin/José Luiz Fiorin**. 2.ed., 2^a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018. p.160.

FRANÇA, Katia Cilene Ferreira. **A filiação teórica na escrita do pesquisador em formação**: uma análise sobre a genealogia do dizer acadêmico pelas formas da língua. Natal, 2018. 178f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, p.176, 2018.

FUCHS, Catherine. **A paráfrase linguística**: equivalência, sinonímia ou reformulação? *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Tradução de João Wanderlei Geraldi. Campinas: n.8, p.129 – 134. (1985).

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. IN: Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MIRANDA, Maria Aparecida da Silva. **Articulação de vozes na escrita do pesquisador em formação**: análise de arranjos linguísticos na produção escrita acadêmica. Natal, 2019. 173f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, p.173, 2019.

MORAES, Jonilson Pinheiro. O letramento escolar é uma prática discursiva?. **Littera Online**, São Luís, v.9, n.17, 2018, p.179-200. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

MUELLER, S. P. M. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006.

_____. O Crescimento da Ciência, o Comportamento científico e a Comunicação Científica: algumas reflexões. **Revista da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais**, v. 24, n. 1, 1995, p. 63-84

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre letramento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 8, 2006, p. 465-488. Disponível em: <www.revistas.usp.br/flp/article/download/59767/62876>. Acesso em: 14 abr. 2021.

VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. Língua, linguagem, enunciado. In: **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo – São Paulo: Editora 34, 2017. Parte II, cap. 2, p. 173 200.

ORLANDI, Eni Puccimelli, Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.